

Decolonize!

Terra Brasilis: o agro não é pop



Arthur Imbassahy para os Jornalistas Livres 28 abril, 2018

Na exposição Terra Brasilis: o Agro não é pop! de Denilson Baniwa, o artista apresenta a luta em um país cortado pelo colonialismo: o latifúndio em oposição aos povos indígenas que há séculos continuam resistindo e existindo apesar de todos os ataques. A exposição começa com duas pinturas, como se por escolha dos curadores esse conflito ficasse mais evidente. De um lado, um jovem índio com cruzes e grafismos na pele. Frases em nheengatu evocam o longo processo de silenciamento que indígenas viveram por toda América nas reduções jesuíticas e continuam vivendo até os dias de hoje com as missões evangélicas. As pinturas seguintes neste lado da exposição fazem uma crítica contundente ao agronegócio. Denilson Baniwa situa a monocultura do agronegócio junto com outros frutos do colonialismo, que também tentam exterminar a diversidade para afirmar uma só espécie, um só Deus, uma só língua. Do lado contrário, a prova que o colonialismo não conseguiu silenciar a língua e a criatividade de um povo. Na pintura chamada Waferinaipe ou os antigos heróis do universo que abriram o umbigo do mundo, Denilson Baniwa torna presente uma cena fundante: a origem da humanidade.



O Minotauro ou Mánhene (O veneno do mundo)

Na legenda desta imagem, o artista conta que só mesmo um golpe publicitário conseguiria fazer o agronegócio (latifúndio modernizado, o que há de mais velho no Brasil) passar por pop. Também formado em publicidade, Denilson Baniwa revela o que se esconde por trás dos slogans: o minotauro, tal como o agronegócio, prende o Brasil em seu labirinto de suposta salvação econômica. Enquanto isso o devora. O deserto verde de um campo de soja aparece em outra pintura como uma “terra envenenada com odor de morte”, plantas crescendo com agrotóxico sobre um cemitério de floresta. Mas a resistência se faz presente. Em uma Amazônia cada vez mais destruída, as terras demarcadas são um oásis. Denilson Baniwa presta uma homenagem a todos ativistas indígenas que lutam para reverter a situação e garantir o direito à terra, como fez a liderança guarani Marçal Tupã até ser assassinado em 1983 no Mato Grosso do Sul.



Waferinaipe ou Os antigos heróis do universo que abriram o umbigo do mundo

Já no outro lado da entrada, a obra *Waferinaipe* mostra que cinco séculos de colonização não foram capazes de silenciar as expressões cosmológicas de um povo e a criatividade de um artista. Talvez seja esta a obra de maior força da exposição, uma força capaz de afirmar outra origem para o mundo. Denilson Baniwa é um dos principais nomes de uma geração de artistas que afirmam a diferença no mundo da arte. Posições minoritárias que sempre existiram, mas como disse o poeta, ensaísta e tradutor Haroldo de Campos foram “objeto de sequestro” pela historiografia oficial. Este resgate feito por Denilson Baniwa, também realizado pela Rádio Yandê da qual é um dos coordenadores, se aproxima de uma estratégia bastante usada no Brasil ao longo do século XX, por nomes como o próprio Haroldo de Campos. Trata-se de incorporar o que pode ser positivo no Ocidente (suas tecnologias de comunicação, por exemplo), negar seus aspectos negativo (neste caso o agronegócio), e a partir daí afirmar uma outra posição, mas desta vez bem armado. Tudo isto, é claro, afirmando a contemporaneidade dos povos indígenas. No vídeo do Instituto Socioambiental,

“#menospreconceitomaísíndio, uma voz baniwa se pergunta: se tudo mudou desde 1500 e o homem branco continua branco, por que os indígenas não podem mudar e continuar indígenas?”



awá uyuká kisé irumu, ta uyuká kurí aé kisé irü (quem com ferro(faca) fere, com ferro(faca) será ferido)]

A exposição Terra Brasilis: o agro não é pop! de Denilson Baniwa com curadoria de Wallace de Deus e Pedro Gradella vai até terça-feira (01/05, até as 22h) e é parte do projeto Brasil: a Margem, que aconteceu no mês de abril no Centro de Artes da UFF, Niterói – RJ. O projeto também contou com uma apresentação de Nelson Sargento, a exibição do filme Híbridos, a exposição Devotos, e um debate sobre a intervenção militar no Rio de Janeiro, dentre outras atividades.